

CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: É POSSÍVEL?

TAVARES, Fernando Robaldo¹

¹ *Graduado em Educação Física, aluno do curso de Pós-graduação Latu sensu em Educação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.*

nandorobaldo@yahoo.com.br

PINTO, Carmem Lúcia Lascano¹

¹ *Graduada em Educação Física, Doutora em Educação, Profª do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.*

carminha_lascanop@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Criatividade. Para quê? O que é? Para quem? Como? Por quê? Foram esses questionamentos que surgiram a partir da minha prática docente, quando despertei para realizar um trabalho diferente do que vi e vivi nas aulas de Educação Física. Morin (2000), em uma obra em que se propõe a analisar os sete saberes necessários à educação do futuro, apresenta como função da escola a preocupação em educar para o inesperado, devido ao fato de vivermos um período marcado pelas incertezas. Esse pensamento é corroborado por inúmeros estudiosos (SOUZA SANTOS, 2000; TIBEAU, 2002, 2002a; PAGEL, 2009, entre outros) os quais destacam o desenvolvimento da capacidade criativa como indispensável em um mundo que exige, de forma crescente, agilidade nas ações e tomadas de decisão. Assim, tendo a criatividade como tema, diante das inúmeras possibilidades de abordagem, optei por desenvolver essa pesquisa a partir da análise do material produzido em uma atividade realizada na temática “Histórias de Vida”, inserida no currículo do curso de Pós-graduação *Latu sensu* em que relatei sobre um projeto em que fui professor e tive liberdade para desenvolver as aulas de Educação Física de acordo com pressupostos com ênfase no estímulo à criatividade dos estudantes. A partir da rememoração dessa experiência em diálogo com o referencial teórico, busquei fundamentar uma prática que, embora tivesse objetivos claros, carecia de sustentação.

METODOLOGIA

A História de vida, segundo Nóvoa e Finger (1988), Josso (2004) e Galvão (2005), entre outros, a vem ao encontro de um caminho de quebra de paradigmas na educação, pois rompe com a formação de professores como processo de enquadramento em um paradigma imposto externamente, trabalhando com as narrativas das experiências como constituidoras dos sujeitos em formação. As experiências e suas memórias são material para a produção de conhecimento sobre o ser docente e para a auto-formação pessoal/profissional do educador. Baseado nessa idéia retomei a narrativa da experiência referente ao período no qual participei do projeto mencionado. Para a análise dos dados, adotei a análise de conteúdo

(BARDIN, 1977 e MINAYO, 2008) buscando encontrar unidades de sentido, as quais foram trabalhadas com apoio do referencial teórico. Durante a própria narrativa, porém mais precisamente durante a transcrição e a análise desta, fui reavaliando aquela experiência, dialogando com a revisão de literatura feita até então e atentando e direcionando para as posteriores. Tentando fazer com que o trabalho fosse se encaixando aos poucos e inspirado em aspectos que julguei relevantes na minha fala, o trabalho foi ganhando forma e conteúdo, culminando no resumidamente exposto a seguir.

REVISÃO DE LITERATURA

Segundo os estudiosos do assunto (MEAD apud NOVAES, 1980; DIECKERT apud TAFFAREL, 1985; TIBEAU, 2002), trabalhar o conceito de criatividade não é fácil, pela subjetividade nele presente. Para Vainsencher (1982), por exemplo, a criatividade não possui uma definição que possa ser considerada correta, padrão. Diversos autores a definem como a produção de algo novo, mesmo que antes desconhecido apenas para quem o criou. Nesse estudo, considero uma ação criativa não só a produção de algo novo para quem a criou, mas aquela oriunda do estabelecimento de relação entre o pensar e o agir com autonomia, na perspectiva trazida por Freire (1996). Segundo Novaes (1980) é preciso estimular as potencialidades criadoras dos indivíduos através do incentivo às idéias originais e da aprendizagem pela descoberta, onde o processo educativo torna-se imprescindível. Sendo assim, a escola e os professores em suas aulas, devem oferecer um ambiente facilitador a que o processo criativo se desenvolva com naturalidade através de uma atmosfera que permita ao aluno experimentar, inventar, criticar, pensar, se movimentar com autonomia e motivação. As diferentes abordagens de criatividade aqui apresentadas enfatizam que, embora o indivíduo tenha um papel ativo no processo criativo, é essencial compreender a influência dos fatores sociais, culturais e históricos na produção criativa e na avaliação do trabalho criativo. A fim de se obter uma concepção mais ampla do fenômeno criatividade, torna-se imprescindível levar em consideração a interação entre características individuais e ambientais, as rápidas transformações na sociedade, que estabelecem novos paradigmas e demandam soluções mais adequadas aos desafios que surgem, bem como o impacto do processo criativo na sociedade (Alencar & Fleith, 2003). Para o professor atuar nessa linha, no entanto, impõem-se algumas condições. A autonomia para o desenvolvimento de suas atribuições é uma delas. Por conseqüência, o professor pode valer-se deste clima e transpô-lo aos seus alunos, criando condições para que sejam mais autônomos. Seguindo as palavras de Freire (1996): “É neste sentido que uma autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.” (p. 121). Liberdade de agir e de criar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa teve como objeto as reflexões sobre a temática criatividade nas aulas de Educação Física, analisando a minha participação no Programa Segundo Tempo. Um projeto do Governo Federal, que tem como carro forte o esporte educacional visando à inclusão social e a melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes em situação de risco social, através de atividades complementares realizadas no contra-turno escolar. Nesse espaço, a partir de algumas atividades

propostas por mim, desafiava os alunos a que criassem outras, com aqueles materiais (bolas de Vôlei, Basquete, Handebol, etc). As tarefas eram propostas, na maioria das vezes, em pequenos grupos, proporcionando a troca de idéias e saberes entre os discentes. Desta forma, eles construíam coletivamente aquele momento e participavam de todas as atividades que os demais colegas haviam “bolado”, valorizando suas criações de uma forma ainda mais afirmativa, pois além da aprovação do professor estava o reconhecimento da turma frente às suas idéias. Buscava trabalhar o desenvolvimento motor, a aprendizagem e o raciocínio, através da resolução de desafios. Além da valorização de suas produções, estimei a experimentação, o protagonismo discente, a autonomia, o respeito às diferenças, indispensáveis à formação para a cidadania. Novaes (1980) considera importante propiciar aos educandos um ambiente que os leve a exteriorizar seus pensamentos, estimulando a auto-confiança o que pode repercutir na sua maneira de lidar com o mundo. O prazer na realização das atividades, o potencial criativo cada vez maior e a autonomia eram visíveis. É importante mencionar que os estudantes, no início ofereceram certa resistência em trabalhar dessa forma, parecendo ter receio de se expor, o que foi sendo superado com o tempo.

CONCLUSÕES

Ao realizar essa pesquisa me propus a encontrar formas de encaixe entre teoria e prática, tentando uni-las para que juntas pudessem trazer um aprendizado sobre o vivido. E foi o que aconteceu. Ao longo da investigação e em conjunto com o estudado no decorrer do curso de especialização consegui visualizar de forma mais nítida e crítica a experiência, podendo assim enriquecer minha prática docente. Embora reconhecendo a dificuldade de alguns professores de trabalhar dessa forma processual, em meu entendimento, a escola, logo – e principalmente – a educação física, terão grandes ganhos ao organizarem-se sobre este objetivo, introduzindo de forma mais integrada a linguagem corporal e a cultura do movimento, com ênfase na criatividade em seus planos de ensino, a fim de tornar o educando mais consciente de suas potencialidades e capaz de lidar consigo mesmo, podendo assim reconhecer melhor a si a ao outro no espaço em que vive. Protagonismo dos estudantes, liberdade para criar, estímulo à autonomia, valorização da produção, busca do prazer, motivação para o crescimento, foram algumas categorias fundamentais. As quais foram se articulando e complementando ao longo do percurso permitindo que me apropriasse de uma forma de trabalho que não havia aprendido na Formação Acadêmica. A vontade de romper com os modelos que havia vivenciado contribuiu para isso. O fato de o tema criatividade ter surgido como interesse quando iniciei minhas experiências pedagógicas e continuar sendo meu foco de estudo após tanto tempo, creio que se deve ao prazer experimentado, ao que considero ganhos observados e à expectativa de colaborar para que possamos investir em um caminho de mudança na Educação Física e na educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.M.L.S. & FLEITH, D.S. (2003). **Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade.** *Psicologia:Teoria e Pesquisa*, 19, 1-8.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa (PO): Edições 70;1977.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVAO, Cecília. **Narrativas em Educação** . *Ciênc. educ. (Bauru)* [online]. 2005, vol.11, n.2, pp. 327-345. ISSN 1516-7313.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez/Ed. UNESCO, 2000.

NOVAES, M. H. **Psicologia da Criatividade**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NÓVOA, A.e FINGER, M. (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Depto. dos Recursos Humanos da Saúde. 1988.

PAGEL, T.G. **A alteridade a partir da criatividade: contribuições para uma educação emancipatória**. Revista Didática Sistêmica, 2009 - seer.furg.br

SOUSA SANTOS, BOAVENTURA DE (1987). **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico,1985.

TIBEAU, C.C.P.M. **Concepções sobre criatividade em atividades motoras**. Revista Brasileira de Ciências e Movimento. Brasília v.10 n.2 p.33-42 abril 2002.

TIBEAU, C. C. P. M. **Entraves para a compreensão da criatividade no ensino e na formação do profissional de Educação Física**. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - N° 51 - Agosto de 2002a.

VAINSENER, S.A. **Criatividade em educação: problemas e sugestões**. Trabalho para Discussão. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, n 9, 1982.